



A Santa Sé

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO AO PRESIDENTE DO PANAMÁ POR OCASIÃO DO VII ENCONTRO DAS AMÉRICAS

*Ao Excelentíssimo Senhor Juan Carlos Varela Rodríguez
Presidente do Panamá*

Como hóspede do VII Encontro das Américas, desejo transmitir-lhe as minhas cordiais saudações e, através de Sua Excelência, a todos os Chefes de Estado e de Governo, assim como a todas as delegações participantes. Ao mesmo tempo, gostaria de manifestar a minha proximidade e o meu encorajamento a fim de que o diálogo sincero alcance esta mútua colaboração que une os esforços e supera as diferenças no caminho rumo ao bem comum. Peço a Deus que, compartilhando os valores comuns, se assumam compromissos de colaboração no âmbito nacional ou regional, que enfrentem com realismo os problemas e transmitam esperança.

Estou em sintonia com o tema escolhido para este Encontro, «Prosperidade com equidade: o desafio da cooperação nas Américas».

Estou persuadido — e foi assim que me expressei na Exortação Apostólica *[Evangelii gaudium](#)* — de que a desigualdade, a distribuição injusta das riquezas e dos recursos, é fonte de conflitos e de violência entre os povos, porque supõe que o progresso de alguns se construa com o sacrifício necessário dos demais e que, para poder viver dignamente, é necessário lutar contra os outros (cf. 52, 54). O bem-estar assim alcançado é injusto nas suas raízes e atenta à dignidade das pessoas. Existem «bens de primeira necessidade», como a terra, o trabalho e a casa, e «serviços públicos», como a saúde, a educação, a segurança e o meio ambiente, dos quais nenhum ser humano deveria ser excluído.

Este desejo — que todos nós compartilhamos — infelizmente ainda está distante da realidade. Ainda hoje continuam a existir desigualdades injustas, que ofendem a dignidade das pessoas. O grande desafio do nosso mundo é a globalização da solidariedade e da fraternidade, em vez da

globalização da discriminação e da indiferença e, enquanto não se alcançar uma distribuição equitativa das riquezas, não se resolverão os males da nossa sociedades (cf. *Evangelii gaudium*, 202).

Não podemos negar que muitos países experimentaram um forte desenvolvimento no campo da economia ao longo dos últimos anos, mas é igualmente verdade que outros continuam a viver prostrados na pobreza. Além disso, nas economias emergentes, uma grande parte da população não chegou a beneficiar do progresso económico geral, a tal ponto que frequentemente se abriu um fosso ainda maior entre ricos e pobres. A teoria do «derrame», ou «recaída favorável» (cf. *Evangelii gaudium*, 54) revelou-se errada: não é suficiente esperar que os pobres recolham as migalhas que caem da mesa dos ricos. São necessárias obras concretas, destinadas a ajudar os mais desfavorecidos cuja atenção, como aquela pelos mais pequeninos no âmbito da família, deveria ser uma prioridade para os governantes. A Igreja defendeu sempre «a promoção das pessoas concretas» (cf. *Centesimus annus*, 46), indo ao encontro das suas necessidades e oferecendo-lhes possibilidades de desenvolvimento.

Gostaria de chamar a atenção também para o problema da imigração. A imensa disparidade das oportunidades entre alguns países e outros faz com que muitas pessoas se vejam obrigadas a abandonar a sua terra, a própria família, tornando-se presa fácil do tráfico de pessoas e do trabalho escravo, sem quaisquer direitos, nem acesso à justiça... Em determinados casos, a falta de cooperação entre os Estados deixa muitas pessoas fora da legalidade e sem a possibilidade de fazer valer os seus direitos, obrigando-as a inserir-se entre aqueles que se aproveitam dos outros ou a resignar-se a ser vítimas de abusos. São situações em que não é suficiente salvaguardar a lei para defender os direitos fundamentais da pessoa, nas quais a norma, sem piedade nem misericórdia, não corresponde à justiça.

Às vezes, até no interior de cada país chegam a criar-se diferenças escandalosas e ofensivas, especialmente entre as populações indígenas, nas áreas rurais ou nas periferias das grandes cidades. Sem uma defesa autêntica de tais pessoas contra o racismo, a xenofobia e a intolerância, o Estado de direito perderia a sua legitimidade.

Senhor Presidente, os esforços para construir pontes e canais de comunicação, estabelecer relações e procurar o entendimento nunca são vãos. A situação geográfica do Panamá, no centro do Continente americano, que faz dele um ponto de encontro entre norte e sul, entre os oceanos Pacífico e Atlântico, é certamente uma vocação, *pro mundi beneficio*, a gerar uma nova ordem de paz e de justiça, e a promover a solidariedade e a colaboração no respeito pela justa autonomia de cada uma das nações.

Enquanto formulo os bons votos a fim de que a Igreja seja também instrumento de paz e reconciliação entre os povos, transmito-lhe as minhas saudações mais sentidas e cordiais.

Vaticano, 10 de Abril de 2015

Francisco

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana